

O Sermão do monte – Mt 5-7

As bem-aventuranças

O Sermão do Monte é conhecido no Brasil como o texto das “Bem-Aventuranças”, na KJV¹ a expressão utilizada é *blessed* (abençoado), a mesma expressão de abertura dos Salmos (Abençoado é o homem que não anda no conselho do ímpio – Sl 1:1). A expressão abençoado se refere a um estado interior ao homem que não é autocompreendido sequer pelo próprio abençoado, fato que levou Cristo a “abrindo a sua boca, ensinava-os”. O que se passa durante todo o texto das bem-aventuranças é o ensino de uma realidade espiritual da qual sequer os judeus tinham conhecimento; curioso notar que todo o sermão do monte fala não sobre uma Nova Lei (5:17), antes explica em qual realidade o homem vive na Terra desde Moisés.

Assim, o Pregador após se assentar em lugar alto profere ao povo de Israel bençãos às quais Moisés gozava inconscientemente quando, sob a Lei, a Graça já se fazia presente prefigurando o Novo Testamento.

No Evangelho de João, o evangelista diz que “[...]a lei foi dada por Moisés, mas graça e verdade vieram por Jesus Cristo” (1:17). Em todo o sermão do monte, Cristo mostra as recompensas não terreiras mas celestiais, *em promessa para aqueles que O imitam*².

Misericordiosos receberão misericórdia; os que choram serão abençoados; pacificadores serão chamados filhos de Deus... temos então o sermão começando com um bloco de textos inteiramente de **promessas para quando no Reino dos Céus**.

Interessante que Jesus Cristo mostra que toda ação tem uma reação e, de forma justa todo labor tem sua paga, cabe porém ao que trabalha escolher qual recompensa deseja alcançar. Quem jejua, se o faz diante dos homens mostrando contrição e dor, não é amaldiçoado antes é recompensado com admiração humana. Veja que isto não é ruim, sequer é injusto (Mt 10:10), o que Cristo faz não é uma condenação antes um abrir d’olhos mostrando aos que O seguem que, inteligentemente podem trocar a recompensa terreal do trabalho terreal por uma recompensa celestial!

Traz Cristo então uma boa nova, abrindo para os cristãos um novo horizonte estratégico de ação em que *trabalho temporal* pode receber *recompensa eterna* (celestial). Cabe a cada um decidir o que prefere (Dt 30:19).

As palavras de Cristo poderiam ser entendidas -- e muito provavelmente isso aconteceu em muitos dos presentes – como uma substituição da Lei, e é justamente por essa possível consequência natural da pregação que se fez que, em sua plena sabedoria o Pregador adverte “[...]não penseis que vim destruir a Lei e os Profetas”. O Mestre deixou claro que não mudava ali a ordem da obediência, antes abria os olhos para que entendesse que, por aquela Porta o servo poderia almejar muito mais do que aquele pobre povo até então vinha colhendo.

A realidade da época é essencial para a compreensão do teor da mensagem do Nazareno. Quando do início de seu ministério (provavelmente 24, 25d.C) o povo de Israel vivia um tempo de opressão econômica brutal devido ao sistema de impostos vigente no Império Romano. Após a divisão do território romano em quatro regiões visando uma melhor gestão econômica, o custo

¹ King James Version ou Versão Autorizada do Rei Jaime é a tradução utilizada geralmente na Escola de Conservadorismo, opção tomada pelo sentido poético do texto produzido para a língua inglesa (originariamente voltado para a utilização na liturgia da Igreja Anglicana). <https://www.bkifiel.com.br/bible>

² Catecismo da Igreja Católica - CIC 1726. As bem-aventuranças ensinam-nos qual o fim último a que Deus nos chama: o Reino, a visão de Deus, a participação na natureza divina, a vida eterna, a filiação, o repouso em Deus.

para manter o Império se tornou insustentável, assim os romanos utilizavam pessoas dos próprios povos conquistados para coletar pesados impostos junto aos seus (o que levou os publicanos a serem vistos como traidores do povo, uma vez que era responsabilidade deles a cobrança desses impostos). Essa época difícil para as finanças das famílias em Israel oprimiu todo o povo, levando aquela nação a se tornar uma massa de oprimidos. Ciente da realidade da época, Cristo inicia sua pregação se dirigindo “aos pobres de espírito”.

A primeira beatitude do Sermão do Monte é anunciada àqueles de espírito oposto aos orgulhosos e altivos: ao pobre de espírito será entregue o Reino do Céu. Justiça divina, uma vez que em terra eles não tinham nada. Com espírito de servo e alma quebrantada, os pobres de espírito não tinham sequer reconhecimento religioso, eram párias sociais e párias diante do sacerdócio da época. Gozavam de uma beatitude sem saber, quão grande deve ter sido o refrigério no interior de cada um dos que ali estavam presentes, ouvindo aquele sobre o qual desceu o Espírito Santo dias antes, no Jordão, anunciar que não viviam quebrantados em vão, a Nova Jerusalém lhes pertenceria³.

O Sal da Terra

No Sermão do Monte Cristo reflete Moisés no Monte Sinai (Ex 20), onde o profeta trouxe a Lei e Cristo um novo pacto -- como é elucidado pelo apóstolo Paulo na carta aos Hebreus (8:13).

Com os discípulos mais próximos do Pregador, se inicia após as bem-aventuranças alguns direcionamentos aos discípulos, extensivos claramente também a todos os demais ouvintes. “Vós sois o sal da terra”, claramente um papel do cristão universal e não apenas dos evangelistas. Tal clareza é patente durante todo o Sermão do Monte, e em passagens como “dá a quem lhe pede” (5:42) e “sede, vós, perfeitos” (5:48) todo o povo de Deus é chamado a estender o Evangelho aos que o cercam, iluminando o mundo como candeias postas num castiçal.

A propriedade do sal, mesmo hoje quando as cozinhas conhecem centenas de temperos e especiarias, é a de potencializar o sabor. Alimentos azedos, amargos ou picantes, quando recebem uma pequena pitada de sal não se tornam salgados, antes se tornam ainda mais azedos ou picantes ou doces... o sal realça o sabor e faz aparecer aquilo que estava oculto.

O papel do cristão tem mesmo esse efeito alardeador na sociedade, esclarecendo aquilo que existia mas estava encoberto, assim como Cristo anunciando promessas já existentes porém ocultadas por trás do véu⁴.

³ Note-se que Jesus não faz uma promessa nova, antes elucida uma realidade espiritual vigente mesmo na Lei que ainda vigorava (Hb 8:6). Mesmo antes daquele sermão, aos pobres de espírito já estava reservado o Reino do Céu, porém morriam sem conhecer a promessa tal qual Abrão se dirigia à terra da promessa sem saber onde se localizava.

⁴ Na segunda carta aos Coríntios, o menor dos apóstolos traz luz sobre o tema da compreensão das questões espirituais, ele diz “[...] e não como Moisés, o qual colocou um véu sobre a sua face, para que os filhos de Israel não pudessem olhar firmemente para o fim daquilo que é abolido; mas suas mentes estavam cegas; porque até este dia permanece o mesmo véu encoberto na leitura do velho testamento; véu o qual está aniquilado em Cristo. Mas até hoje, quando Moisés é lido, o véu está sobre o coração deles. Mesmo assim, quando se converterem ao Senhor, o véu será retirado.” (vv 13-16).

A Lei e os Profetas

O ministério do Cristo começa com o cumprimento de uma antiga promessa feita por Deus ao povo de Israel por meio do profeta Jeremias, está escrito:

“Eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que eu farei um novo pacto com a casa de Israel, e com a casa de Judá. Não conforme o pacto que eu fiz com os seus pais no dia em que eu os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito, porquanto eles quebraram meu pacto, embora eu os tenha desposado, diz o SENHOR. Porém este será o pacto que eu farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: Eu colocarei minha lei no seu íntimo, e a escreverei nos seus corações, e serei o seu Deus, e eles serão meu povo.”
(31:31-33)

Vê-se que Cristo, no Sermão do Monte estava trabalhando, cumprindo o labor ordenado pelo Pai em trazer ao mundo uma nova aliança, não mais gravada em pedras mas nos corações dos homens (Rm 2:15). Quando diz *“Ouvistes o que foi dito pelos antigos: Não cometérás adultério. Mas, eu vos digo que qualquer que olhar para uma mulher e cobiçá-la, já cometeu adultério com ela em seu coração.”*, o Mestre firma a nova aliança nos corações, mostrando que seu testamento era maior, indo muito além de Moisés (Hb 9:15).

Esmolas, oração e jejum

Segue-se o ensinamento sobre a recompensa do que é feito na Terra. Pode-se colher galardão celestial ou terreal, cabe a cada um escolher.

Com relação às orações, Jesus ensina que a oração é um travar relação, um momento onde se adora a Deus (Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome), pede-se pelo cumprimento das promessas (venha a nós o vosso reino), entrega-se a Ele a própria vida (seja feita a tua vontade) e a própria alma (assim na terra como no céu), depositando nele a dependência total (o pão nosso de cada dia dá-nos hoje), busca-se a remissão dos pecados (perdoa-nos as nossas dívidas), e refugia-se n'Ele contra o Mal (não nos deixeis cair em tentação mas livra-nos do mal).

Diante da oração como um momento de relacionamento para com o Pai, que é uma pessoa (divina, mas portadora de identidade própria), o Filho nos ensina a não tentar viver a experiência de outras pessoas mas sim travar o próprio relacionamento, daí o direcionamento do Mestre: *não useis de vãs repetições*.

Anoto a desavença entre Protestantes e Católicos com relação à discussão sobre as orações repetidas. Ao longo dos meus estudos sobre a oração, pude entender que a repetição desaconselhada pelo Mestre não é a formal (verbal), mas a interior (mental). A “oração do Pai Nosso” é claramente um modelo, não foi dada com o objetivo de ser registrada e copiada pois isso seria contraditório até mesmo para com a oratória utilizada no próprio discurso no monte. Porém, formas diferentes de se relacionar (em diálogo) com Deus são registradas durante toda a vida da igreja, inclusive com uma observação interessante para com o método compartilhado por C. S. Lewis de “orar sem palavras”.

“Para mim, as palavras são, em qualquer dos casos, secundárias. Elas são apenas uma âncora. Ou, devo dizer, são os movimentos da batuta de um maestro, não a música.”⁵

Outro modelo belíssimo e consequente de uma vida de estudo das Escrituras é a oração constante nas *Confissões* de Agostinho:

Que eu confesse tudo o que encontrar em teus livros e ouça o canto de louvor e te beba e considere as maravilhas de tua lei, desde o princípio em que fizeste o céu e a terra, até o reino perpétuo de tua santa cidade contigo⁶.

A oração em Agostinho é a expressão de um estudante das Escrituras, no breve texto recortado acima há referência há quase 10 textos bíblicos, incluindo salmos e profecias.

Outra oração conhecida da Igreja é a oração nos Salmos, onde encontra-se em forma de canto, pranto, desabafo e fúria, o modelo mais claro de relacionamento saudável entre a criatura e o Criador:

“Põe um vigia, ó Senhor, diante da minha boca; guarda a porta dos meus lábios. Não inclines meu coração para nenhuma coisa má”.⁷

“E quando jeuardes”, prossegue o Mestre, não se mostrem contritos aos homens pois a admiração destes será a tua recompensa. Esconda dos homens a tua humilhação, e seja recompensado pelo Pai que conhece o teu coração.

A vida na terra: tesouros, olhos, senhores e preocupações

O primeiro dos cinco grandes sermões de Cristo (da Montanha, da Missão, das Parábolas, sobre a Igreja e das Oliveiras) começa, de forma benigna tratando de bençãos e chega no direcionamento para um melhor viver enquanto estivermos nesse mundo.

Não se preocupem em juntar tesouros onde há ladrões, juntem tesouros no céu. Não sirvam a dois senhores pois acabarão sempre decepcionando um deles. Não se preocupem com a própria vida, o Criador vela por ti muito mais do que pelos lírios do campo e aves do céu. Buscai primeiro o reino de Deus e todas estas coisas vos serão acrescentadas.

Não temos aqui mandamentos. Nada de proibições. São dicas como que de um pai a um filho. São dicas para ser feliz em vida, buscando o que realmente importa sem se preocupar com aquilo que não está a nosso alcance, afinal nenhum de nós pode se preocupar a ponto de acrescentar um centímetro à própria altura.

Não julgar o próximo, não porque é pecado ou atrairá a ira divina mas porque acarretará a nós mesmos julgamentos, por parte de pessoas comuns como nós.

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque aquele que pede recebe; e o que busca encontra; e ao que bate, se abre”. (7:7).

⁵ LEWIS. C. S. *Cartas a Malcolm*. Carta II Editora Thomas Nelson. Rio de Janeiro, 2019.

⁶ AGOSTINHO. S. *Confissões*. Livro XI. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2017.

⁷ Salmo 141: 3,4.

Escolhas

Dois caminhos, dois profetas, dois cristãos e dois alicerces. Há em toda a vida cristã as opções de escolha, caminhos largos e naturalmente fáceis – e aqui parece que temos uma regra deste mundo, tão naturalmente comprovada em nosso dia a dia -, caminhos estreitos mas que conduzem ao refinamento e, também naturalmente, à felicidade.

Por toda nossa condução terreal nos deparamos também com discursos e pregadores, e a vida moderna nos ensinou que tudo aquilo que vem fácil, vai fácil. As palavras de Cristo sobre a escolha daquilo no qual acreditamos e as pessoas nas quais depositamos confiança, também nos soa como algo já dito por nossas mães quando ainda morávamos debaixo do mesmo teto.

Terrível é a dureza do discurso com relação a cristãos (sim, indiscutivelmente cristãos!) que até mesmo realizavam milagres e expulsavam demônios em nome do Cristo, porém quando diante do Trono Branco serão julgados como estranhos, os quais jamais foram conhecidos d'Ele por nunca terem se assemelhado à Ele: *vós praticais a iniqüidade*.

Todo o ensinamento do Sermão da Montanha termina com a analogia perfeita para que o ouvinte faça a escolhe correta: estamos todos construindo uma casa, qual o seu alicerce?

Nessa analogia o Mestre (agora o Pregador) arremata com o porquê de não perdemos tempo com a busca de tesouros, julgamentos ou conquista de bens e alimento: tudo isso é perecível, bobagens que podem ser dadas gratuitamente por Deus como a grama verde é dada a um ruminante nascido no campo. Se nem mesmo Salomão conseguiu se vestir tão bem quanto um lírio no campo, porque perdemos tempo com aquilo que não está no campo da vontade?

E aqui está o centro de toda a relação entre Adão e Elohim⁸, o respeito à vontade. “Adão, onde tu estás?” ou “Quem te contou que estavas nu?”. “O que queres que eu te faça?” diria o mestre ao cego. Sei que você é cego, poderia tirar por óbvio que queres a cura da cegueira mas diz-me tu, o que queres que eu te faça?

Deus sempre respeita a vontade e aqui está a chave do Reino do Céu e também da vida feliz na Terra.

Façamos todos as melhores escolhas. Que o Espírito Santo de Deus nos abra os olhos e nos dê força e sabedoria para escolhermos a porta estreita, o bom discurso construindo um palácio celestial.

Fernando Melo

Aula ministrada na Escola de Conservadorismo no dia 10 de fevereiro de 2021.

⁸ Elohim – (*plural majestático*, no judaísmo) (אלֹהִים) - Deus; Criador "implícito o poder criativo e a onipotência".